

Sobre a Exposição *Premium Connect*, de Tabita Rezaire: A reativação do potencial terapêutico e político da magia

Sara Castelo Branco

Escola das Artes, Universidade Católica do Porto, Portugal
saracath1@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9930-7472>

RESUMO Envolvendo referências do misticismo, da ciência, da história africana e das culturas pós-Internet, este texto parte da exposição *Premium Connect*, de Tabita Rezaire, apresentada no Batalha Centro de Cinema, no Porto, para abordar as conexões entre o espiritual e o digital, evocando problemáticas que envolvem a conectividade global do digital.

PALAVRAS-CHAVE Misticismo-magia; tecnologia; arte contemporânea; ativismo; neocolonialismo.

A nova atenção dada pela arte contemporânea a perspectivas espirituais e místicas – tais como o animismo ou as figuras da bruxa e do xamã – tem sido um atributo particular da última década. Embora não seja um vínculo inédito, o interesse artístico pela espiritualidade, a magia e o misticismo auferiu esta nova existência crítica em parte graças ao declínio de uma visão modernista racional e secular do mundo, que tem sido presentemente associada às destruições do capitalismo ou à catástrofe ecológica (Charlesworth 2022). Desta forma, a comparência de culturas da magia no trabalho de diversos artistas tem comumente espelhado uma espécie de resistência a certas formas de conhecimento e de poder mais conservadoras, uma vez que diversas obras questionam ideais hegemónicos desenvolvidos na modernidade onde “o exercício do poder perpetuamente cria conhecimento e, inversamente, o conhecimento constantemente induz efeitos de poder” (Foucault 1978/2005, 142). O discurso modernista frequentemente olhou para as formas de magia e de misticismo como características “primitivas” do não-moderno e do não-ocidental, conduzindo a que estas tenham sido incluídas nas suas técnicas classificatórias de exclusão (Styers 2004;

Sutcliffe 2021). Contudo, Federico Campagna (2018) afirma que a magia operou como uma “sombra” da maioria das formas culturais hegemónicas ao longo da história ocidental, embora não reconhecendo a temporalidade da historiografia como a sua categoria temporal, visto que “este ramo do conhecimento prático sempre se ocultou em mistério e segredo – em virtude tanto da peculiaridade do seu horizonte, quanto do seu lugar marginal dentro da sociedade” (Campagna 2018, 13-14, minha tradução).

Convocando sistemas de crenças antigos, bem como esta mesma ideia de uma prática que é temporal e societariamente marginal, a exposição individual de Tabita Rezaire (n. Paris, 1989), apresentada de 9 de Dezembro 2022 a 22 de Janeiro 2023 no recentemente reaberto Batalha Centro de Cinema, no Porto, mostrava um conjunto de trabalhos que de algum modo caracterizam a obra da artista: a busca por narrativas e métodos alternativos (no que de mais singular e múltiplo pode cingir a noção de *alternativo*), envolvendo vários campos de conhecimento e culturas numa estrutura enredada em referências ligadas ao misticismo, à ciência, à ecologia, à história africana ou às culturas pós-Internet. No centro desta exposição estava o vídeo *Premium Connect* (2017, 13', vídeo HD, canal único), que lhe dava o nome. Trata-se de uma curta-metragem alicerçada numa investigação artística sobre as tecnologias de informação e comunicação (TIC) que explora sistemas de adivinhação africanos, o submundo dos fungos, a comunicação ancestral ou a física quântica ao convocar pesquisas que atribuem o nascimento das ciências da computação a métodos de adivinhação africanos, como o sistema Ifá do povo iorubá da África Oriental. Duas composições gráficas acompanhavam o filme: *Bowdown – Inner Fire Series* (2018) e *Pimp Your Brain* (2017), parte de uma série de cinco autorretratos digitais da artista que, através de métodos de colagem, problematizam determinados arquétipos que sustentam imaginários coletivos e individuais sobre raça, sexo, tecnologia, capital ou espiritualidade. A exposição evocava, portanto, métodos espirituais e tecnologias digitais para questionar a linearidade e a generalização da história, propondo outros possíveis canais de comunicação, assim como uma pluralidade de saberes, práticas e dimensões.

“A realidade contém matéria e não-matéria”, afirmou Sophie Oluwole (cit. Manby e Khorsandi 2019, minha tradução). Esta frase, retirada de uma entrevista feita à filósofa nigeriana, era completada pela ideia de que no Ocidente a matéria e a não-matéria existem em oposição, mas que

para os africanos “não há nada que seja absolutamente material. Não há nada que seja absolutamente imaterial. E em todos os fenómenos do mundo, as duas estão juntas” (cit. Manby e Khorsandi 2019, minha tradução). Ao desenvolver uma igual simbiose entre o material e o não-material, *Premium Connect* parte de dois elementos que têm uma dimensão virtualizada (o espiritual e o digital), evocando, porém, não apenas as dinâmicas imateriais da tecnologia, mas também como estas se ligam identicamente a uma materialidade crítica que desenvolve formas de neocolonialismo, controlo e violência. Parte da materialidade tecnológica contemporânea advém, hoje, da densidade dos estratos interiores da terra, cuja substância mineral é essencial para compreender a tecnologia atual, e, particularmente, os seus efeitos geopolíticos, sociais e ecológicos. Nas palavras de Jussi Parikka: “Trata-se de uma convocação tanto política quanto ambiental-ecológica – uma convocação que remete a múltiplas ecologias: não apenas ao meio ambiente, mas a ecologias políticas, sociais, económicas, psíquicas, sociais e, de facto, ecologias mediáticas” (Parikka 2015, 110, minha tradução).

Esta extensa mobilização da natureza no interior da tecnologia tem sido refletida e teorizada por autores como Sean Cubitt (2016), Jennifer Gabrys (2011), Toby Miller (2018) ou Jussi Parikka (2015). Este último considera que a natureza se associa à tecnologia ao operar através da associação de múltiplas escalas espaço-temporais, no que designa por “novo materialismo” (Parikka 2015, 137). A este propósito, atualmente o continente africano não é apenas um mercado importante e um dos maiores importadores de lixo electrónico, mas também uma fonte de terras raras e matérias-primas como cobalto, lítio e coltan que são necessários para a fabricação de diversos dispositivos tecnológicos.

Ao assinalar estas continuidades neocoloniais das tecnologias dos média, a exposição *Premium Connect* parece evocar as conceptualizações desenvolvidas pelo sociólogo Joseph Tonda (2015), para quem a digitalização desenvolve uma espécie de “colonização do subconsciente”, uma vez que submete todo o mundo a um regime de economia liberal tecno-capitalista, tratando-se de um “imperialismo pós-colonial” que exerce uma dominação invisível ao colonizar o nosso inconsciente com desejos de poder e de consumismo. *Premium Connect* é um filme composto hibridamente por vários conjuntos de dados – textuais, gráficos, videográficos e animações – que remetem a elementos da cultura digital e da espiritualidade, e que, de modo geral, vemos circular cosmicamente através de paisagens digitais. O filme é, assim,

fundado numa performatividade digital baseada na estrutura hipermediática da Internet, cuja organização não-linear e não-hierárquica é aqui representada (bem como nas montagens fotográficas presentes na mesma exposição) através de elementos pertencentes a um espaço de informação tecnológico composto por “códigos, hipertextos, espaços simulados, arquiteturas de rede labirínticas, ‘metáforas’ barrocas, colossais enciclopédias de memória” (Davis 1994, 114, minha tradução). Ao empregar elementos tecnológicos e digitais concernentes a grandes plataformas de monopolização ideológica virtual, Rezaire expõe visualmente a maneira pela qual o pensamento hegemónico ocidental parece ter criado uma influência no coletivo através de um “colonialismo eletrónico” (Sardar 1995).

Premium Connect trabalha, precisamente, sobre uma reprodução computacional da razão ao operar sobre estas suas “forças e energias”, e ao contrariar os ideais dominantes da Internet ao gerar novas conexões entre matéria, não-matéria, espiritualidade, tecnologia e seres humanos. Neste sentido, o filme e as composições fotográficas que constituem esta exposição de Rezaire relacionam-se com a forma como o computador lida com um espaço de informação que “atrai para si mitologias, metafísicas, indícios de magia arcana” (Davis 1994, 115, minha tradução). A esta dimensão mágica constituinte do espaço digital, Rezaire acrescenta-lhe a forma como os códigos binários – a base da ciência da computação – têm semelhanças com o sistema binário divinatório Ifa.¹ O filme apresentado nesta exposição desenvolve uma ligação entre cosmologias africanas e o código de computação moderno ao utilizar a linguagem e a estética visual da Internet para dismantelar dimensões críticas e problemáticas que envolvem a conectividade global do digital. Numa das sequências de *Premium Connect*, assoma um texto onde se pode ler que um conjunto de dados é uma informação abstrata, e que, para ler esses dados, devemos “codificá-los num formato que entendemos. Poderíamos potencialmente ver o mundo de maneira diferente através de outro formato” (minha tradução). Esta potencialidade *alternativa* está na base das obras desta exposição, que especulam sobre um espaço digital onde é possível uma mudança de

¹ O sistema binário Ifa pertence a uma tradição africana de divinação, que foi transmitida milenarmente por intermédio da cultura oral. Esta tradição tem por base um pensamento binário, ao ser representada simbolicamente através de ideogramas (símbolos) e um sistema que tem por base dois algarismos, o 0 (zero) e o 1 (um), conduzindo a que a informática e o oráculo de Ifá tenham princípios de raciocínio semelhantes. Veja-se Delfino et al. (2015).

perspetiva, abrindo para outros imaginários digitais não-ocidentais e não-materialistas.

Segundo Federico Campagna (2018), os xamãs e os mágicos empregam os seus poderes mágicos com o objetivo principal de superarem um “estado de crise”: enquanto fazem retornar os sintomas do mal-estar à sua causa original, eles procuram oferecer uma alternativa às condições de realidade que os produziram em primeiro lugar (Campagna 2018, 117). A magia é, então, proposta por Campagna não apenas como uma alternativa à técnica, mas como um sistema cosmogónico capaz de, paradoxalmente, reconstruir e regenerar a “realidade”. Seguindo uma perspetiva semelhante, Tabita Rezaire desenvolve o que define por “ativismo de cura digital”, que assoma da necessidade de reconectar o corpo e o espírito:

a tecnologia de cura como tecnologia de informação é a capacidade de receber comunicações da matéria, das emoções, dos ancestrais, dos ancestrais na matéria, do corpo, dos átomos, das células. (...) Quando estamos separados da nossa tecnologia ancestral de conhecimento, estamos colonizados, desconectados. Nós perdemos esta tecnologia ancestral de comunicação. (Rezaire 2021, minha tradução)

Neste sentido, podemos evocar as conceptualizações da filósofa da ciência Isabelle Stengers (2012), que discute as possibilidades do “reclamar”, “reativar” ou “retomar” (“reclaim”) de certas práticas marginalizadas pelo mundo moderno-capitalista, que se podem transformar em modos de resistência política. Tal como na obra de Rezaire, trata-se de abranger um potencial terapêutico e político da magia, aqui desenvolvido entre as bordas da tecnologia e da espiritualidade.

Referências

- Campagna, Federico. 2018. *Technic and Magic. The Reconstruction of Reality*. Londres: Bloomsbury Publishing.
- Charlesworth, J. J. 2022. “The Return of Magic in Art.” *Art Review*. Acesso a 24 de fevereiro 2023. <https://artreview.com/the-return-of-magic-in-art/>

- Cubitt, Sean. 2016. *Finite Media: Environmental Implications of Digital Technologies*. Durham: Duke University Press.
- Davis, Erik. 1994. "TechGnosis: Myth, Magic, and Mysticism in the Age of Information." Em *Flame Wars: The Discourse of Cyberspace*, organizado por Mark Dery, 29-60. Durham: Duke University Press.
- Delfino, Jair, Cunha Júnior, Henrique Antunes, Silva, Samia Paula dos Santos, Medeiros, Jarles Lopes de. 2015. "IFÁ um sistema binário de divinação". *Seminário de Educação Matemática nos Contextos da Educação do Campo* (4): 93-95.
- Foucault, Michel. 2005. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Gabrys, Jennifer. 2011. *Digital Rubbish: A Natural History of Electronics*. Michigan: University of Michigan Press.
- Miller, Toby. 2018. *Greenwashing Culture*. Abingdon: Routledge.
- Manby, Christine e Khorsandi, Peyvand. 2019. "Sophie Oluwole: Nigerian philosopher who put Yoruba thought on the map." *Independent*. Acesso a 25 de fevereiro 2023 <https://www.independent.co.uk/news/obituaries/sophie-oluwole-dead-obituary-african-philosopher-nigeria-yoruba-mamalawo-a8720696.html>.
- Parikka, Jussi. 2015. *A Geology of Media*. Minneapolis, London: University of Minnesota Press.
- Rezaire, Tabita. 2021. "Tabita Rezaire, Deep Down Tidal Premium Connect." *New Mystics*. Acesso a 4 de março 2023 <https://www.newmystics.xyz/2021/05/19/tabita-rezaire/>.
- Sardar, Ziauddin. 1995. "alt.civilizations.faq cyberspace as the darker side of the West." *Futures* 27(7): 777-794.
- Stengers, Isabelle. 2012. "Reclaiming animism." *e-flux*. Acesso a 4 de março 2023 <https://bit.ly/35e6j9U>.
- Styers, Randall. 2004. *Making Magic: Religion, Magic, and Science in the Modern World*. Oxford: Oxford University Press.
- Sutcliffe, Jamie (ed.). 2021. *Magic*. Cambridge: The MIT Press.
- Tonda, Joseph. 2015. *L'impérialisme postcolonial. Critique de la société des éblouissements*. Paris: Karthala.

On *Premium Connect*, an Exhibition by Tabita Rezaire: The reactivation of the therapeutical and political potential of magic

ABSTRACT Involving references to mysticism, science, African history and post-Internet cultures, this text offers a reading of the exhibition *Premium Connect* by Tabita Rezaire at Batalha Centro de Cinema, in Oporto. I address the connections between the spiritual and the digital, and the problematic dimensions of digital global connectivity.

KEYWORDS Mysticism-magic; technology; contemporary art; activism; neo-colonialism.